

de suas famílias. É preciso que o lavrador veja na escola o valor econômico da mesma.

A investigação norte-americana demonstrou que, conforme o seu preparo, os moços percebem ordenado maior ou menor. Eu comparei um diplomado do curso primário com um analfabeto. Também verifiquei serem os melhores da oficina os empregados que tinham feito o curso técnico, depois do curso primário. Isso prova, sem dúvida, que a educação é um capital.

Mus, dando esse capital aos alunos, as nossas escolas lhes ensinam a conservar-o e desenvolvê-lo? Em outros termos, a escola primária prepara os alunos para a vida, ou então torna-os capazes de continuar, por si mesmo, a sua própria educação?

Sob o título seguinte, tratarei desse ponto, que tem summa relevância, sup' os outros: *o*

o *Frequência da biblioteca* *o*

o *O menino do povo, aos onze ou doze annos, concluiu o curso primário. A escola lhe ensinou a ler, escrever e contar, deu-lhe noções de geographia, historia, desenho e outras disciplinas.*

Esse menino é pobre e não pode proseguir seus estudos. Vae empregar-se na lavoura, no commercio, na industria ou em alguma arte mecanica; vae lutar desde logo contra os embates da vida, deante quasi sempre do egoismo e das ambições do patrioismo; vae enfrentar os principios difficeis do trabalho e da pobreza. Estará elle preparado, com o seu diploma escolar e com o idealismo proprio de sua idade, a conduzir firmemente o barco da vida? Ser-lhe-á sufficiente o capital-educacao, que a escola lhe concedeu?

Dispondo as vezes, de pouco no capital, o negociante, porque

sabe manejar-o, consegue desenvolver bem o seu commercio. Com o capital-educacao dar-se-á o mesmo facto, si o seu possuidor souber applica-lo. Não basta, pois, que a escola forneça o capital; importa outrossim que o alumno aprenda a empregal-o. Isto equivale a dizer que a instrucção deve ser educativa. A escola activa é a realizacão deste pensamento.

O alumno terá dito: "Vou deixar a escola, vou receber o meu diploma". E a escola contestar-lhe-á: "Tu não vaes deixar-me; irás levar-me, representada na minha successora, para a qual te preparei desde o primeiro anno. Levárás comigo a escola dos grandes mestres, que hão de guiar-te na travessia da vida. Elle será remedio para tuas dores, companhia em teus laceres, collaboradora de teu trabalho; elevar-te-á o espirito, fará de ti uma parte util da sociedade, reservate-á muitas compensações. Ella transformar-te-á, finalmente, em professor de ti mesmo. Tu vaes para a escola da vida, mas tu levarás a escola dos mestres do pensamento humano, a querda *bibliotheca*, que nesta casa tu aprendeste a amar".

A *bibliotheca* é a verdadeira garantidora do capital-educacao. O ensino, por si só, não o tem garantido, nem mesmo na escola normal. Aos normalistas falta, em geral, o habito do estudo. Suas leituras limitam-se a compendios das materias primarias, e algumas vezes a romances e poesias. Não acompanham o movimento pedagogico, desconhecem as obras dos grandes renovadores do ensino.

O meio de obviar a esse mal está na *bibliotheca*. Releva que, desde o principio, os futuros normalistas se acostumem a leitura methodica. A organizacão e a frequencia da *bibliotheca* deve tornar-se uma realidade no

curso normal. A alta administracão do ensino, em muito accreditado, ha de julgar este assumpto como um dos pontos capitais da reforma.

A *bibliotheca* não é problema escolar de tão facil soluçào quanto pode parecer. Ella surge no regulamento do ensino normal, artigo 58, como si fosse o eixo da reforma, sobre o qual hão de mover todas outras peças. A sua installacão e organizacão exigem um plano rigoroso, que ainda não se fez.

Aquella deveser a mais attractiva e possivel, a effeito de impressionar vivamente aos alumnos, pondo-lhes deante dos olhos a importancia da nova installacão. Quanto a organizacão, importa adaptal-a aos diversos annos da escola normal: cada um destes terá seus livros dispostos em secções especiaes, seguindo uma ordem gradativa, do mais simples para o mais complexo, com um numero restricto de obras, correspondente a varios exemplares de cada uma, para melhor servir aos alumnos. A *bibliotheca* figurará no horario, como outra qualquer disciplina. Mas, o ponto principal consiste em dar-lhe professor proprio, com attribuições e responsabilidades definidas.

Transformado o normalista em professor estudioso, ficará resolvido o problema do ensino primario. Cada professor creará então, para seu uso, um curso de aperfeiçoamento, representado pelos melhores livros e revistas pedagogicas, que elle irá adquirir do sempre, e dos quaes ha de tirar ensinamentos aproveitaveis ao trabalho educativo.

Por outro lado, o professor estudioso saberá resolver praticamente, na escola primaria, o problema da *bibliotheca*. Conhece elle o caminho, e por isso ser-lhe-á facil tornar-o conhecido de seus alumnos. Estes aprenderão a ver no estudo um modo de melhorar

o seu trabalho, um meio de elevar-se no conceito social, um emtendimento dos mais agradaveis.

Como organizar as aulas de *bibliotheca*, digamos assim, para o curso primario? No primeiro e no segundo anno, as aulas terão por fim delectar os alumnos; no terceiro anno, delectal-os e instruil-os; no quarto, instruil-os e delectal-os. Por outras palavras, nos dois annos iniciais, o agradável; no segundo anno, o agradável e o util; no quarto, o util e o agradável.

A primeira aula: "Venho mostrar-vos, dirá o professor aos alumnos, este livro bonito, ornado de gravuras e cheio de historias. Agora, depois de o terdes visto, ireis ouvir uma das historias dele, que eu vou contar. Mas tarde, quando estiverdes adeantados, tambem poderéis ler esta historia."

No decorrer do primeiro anno, o professor irá narrando para a classe historias e fabulas escolhidas, factos e noticias interessantes, encontrados em livros, jornaes e revistas, que sempre apresentará aos alumnos, para os quaes tambem recitará quadras e pequenas poesias, todas ellas ao alcance do entendimento infantil.

Tudo dependerá da escolha das narrações e poesias, bem como do modo de apresental-as. Aquellas hão de ser relativamente pequenas, facilmente comprehensiveis, alegres ou engraçadas, cheias de vida e movimento, em plena harmonia com a actividade das creanças. Precisa o professor de ser mestre em contar historias e recitar poesias. Cumpre-lhe igualmente não perder de vista o objectivo: alcançar que a classe, através da sua palavra, sinta o aprazivel da leitura, fique encantada com as historias e poesias, inunde a sua alma com o anseio de ler tal qual o professor.

Para o segundo anno, o programma será o mesmo das linhas anteriores, com este accrescimento:

depois de narrar ou recitar, o professor lerá a história ou a poesia respectiva. "No anno findo, dirá elle, contei as historias que havia lido; neste anno, vou ler as historias que tiver narrado. Como vedes, eu gosto tanto da leitura, que tomo o trabalho de ler e reter as narrativas."

A classe aprecia muito a collação do professor. A leitura expressiva, que elle fez, será optimo. reclama para a bibliotheca.

Tendo ouvido tantas narrações, e leituras agradaveis, a classe ha de naturalmente interessar-se, no fôrço anno, pela bibliotheca, que lhe será então apresentada, bem arrumadinhas os livros em uma pequena estante, dentro da sala de aula. O professor deixará que os alumnos examinem, à vontade, todos esses livros. Converterá com elles a respeito, mostrando-lhes aquellos, donde tirou, para lhes contar nos annos passados, factos e factos historias, lembrando-lhes, si fôr possível, alguns incidentes occorridos nesse tempo, indicando-lhes as novas obras, que terão de ler agora.

Chegou a época de ligar o util ao agradável. A escolha das leituras obedecerá a esse criterio, devendo ter finalidade instructiva e podendo recahir em assumptos, como estes e outros: a vida das abelhas, a fabricação do papel, a historia da imprensa, a conquista dos ares pelo aeroplano, a travessia do mar pelo submarino, a utilidade da radiotelegaphia, etc. O professor escolherá, a principio, os trechos de leitura para os alumnos, até que estes tomem a iniciativa de ler os livros da bibliotheca, conforme lhes aprou- ver.

Será intensificada no terceiro anno a propaganda da leitura, sob a bandeira de guerra ao analfabetismo. Os alumnos lerão na aula, levarão livros para ler em casa, contarão o que tiverem lido, conversarão sobre o va-

lor da bibliotheca, farão da leitura animadissimo esporte.

No quarto anno, a aula de leitura transformará-se em aula de bibliotheca, sem nenhum livro especial de classe, mas com as obras da bibliotheca para os alumnos lerem. A leitura será individual, por consequente, silenciosa, com excepção dos casos em que o professor ou o alumno encontrar algum trecho de grande interesse para a classe. Como é natural, os alumnos terão liberdade de consultar o professor sobre os pontos, que lhes parecerem obscuros.

Cada classe possuirá sua bibliotheca propria, da qual farão parte livros, jornaes, revistas e outras publicações. A escola assignará, pelo menos, um bom diário, no qual serão marcados a traço de côr, quotidianamente, os factos mais importantes, de sorte que a classe possa acompanhar, tanto quanto possível, a vida nacional e o progresso da actualidade.

E' de esperar que, no ultimo anno do primario, o alumno esteja habituado a frequentar a bibliotheca, e se ache em condições de aprender a servir-se della como um dos meios de resolver as dificuldades da vida.

São questões que o professor desenvolverá perante a classe: si o alumno fôr para o gymnasio ou para a escola normal, o habito de ler irá facilitar-lhe o estudo e a qualidade do mesmo; si elle empregar-se no commercio, aquelle habito o fará comprehender melhor o seu trabalho, ha de levá-lo a encontrar nos livros o modo de resolver os calculos exigidos pelas transacções commerciaes, poderá fazê-lo aprender, em poucas lições, a escripturação mercantil; si elle se encaminhar para a lavoura, o habito de ler ha de guiá-lo para os livros e revistas uteis á sua carreira, pois, na sua posição, a leitura methodica sempre lhe servirá para illuminar o caminho, orientando-o na jornada.

Deixe-me repetir palavras mi-nhas: "A bibliotheca é a succe-sora natural da escola e a conti-nuadora mais solícita da educa-ção. Ella deve fazer parte do nosso lar, ser frequentada por toda a família, como o santuario da intelligencia."

Horacio Mann, o insigne peda-gogista norte-americano, o fun-dador da primeira escola normal da America, em 3 de julho de 1839, foi também o grande crea-dor das bibliothecas escolares e ao mesmo tempo o maior confe-rencista da educação popular, de-dicando a essa obra consideravel tuda a sua extraordinaria activi-dade.

Alguns dias antes de deixar a vida, dirigia elle a seus alumnos estas palavras supremas: "Tende vergonha de morrer antes de ha-ver alcançado alguma victoria pa-ra a humanidade."

Vós, meus caros assistentes te-chnicos, não incorreis nesse desdouro. Vós sereis conferencistas da educação popular, vós se-reis creadores de bibliothecas es-colares.

Apontamentos grammaticaes

O prof. Firmino Costa fez as seguintes observações á margem de composições apresentadas pelos assistentes:

1. "Peguei certo dia um livro".

Diz Said Ali: "Pegar, verbo transitivo em *pegar o ladrão*, o inimigo, etc., tornando-se intransitivo, tem o luxo da construcção com as particulas *de*, *em*, *por*: *pegar da tesoura*; *pegar na taça*; *pegar pelos cabelos*."

2. *Falar*, e não *fallar*.

3. *Ser-me-dás*, e não *ser-me-has*.

4. *Trama*, feminino no sentido de *fia*, é masculino ou feminino na accepção de enredo ou ardid.

5. Os titulos de livros são gry-phados ou veem collocados entre

virgulas, dobradas: *Cyrano de Bergerac*, "Coração".

6. "Um dos livros que bem me impressionou o espirito." — Pre-firo a construcção "que bem me impressionaram o espirito". — Entretanto a primeira construcção é também encontrada nos classicos.

7. "...mas o que posso garan-tir é que do professor Balmes são preciosas todas as obras que nos deixou, quer pelo estylo fluente e arrojado, *bem como* pela clareza e methodo de suas exposições." E' necessario conciliar o emprego de *que* com a harmonia do periodo. *Quer* não é correlativo de *bem como*, e sim de *quer*.

8. *Ideologia*, e não *ideologia*.

9. *No entanto*, sendo este con-tracção de *entretanto*

10. Refutar.

11. *Jaime*, e não *Jayme*, diz Fi-gueiredo.

12. *Quizotismo*, e não *quicho-tismo*

13. Achei bem vivida a evo-lução da leitura de Felisberto fei-ta por José Emygdio.

14. Será melhor graphar *póde* e *póde*.

15. Apesar.

16. Que me possibilitem um julgamento satisfactorio.

17. *Satira*, e não *satyra*.

18. *Batoneta*, e não *bayoneta*.

19. E' uma composição que me-rece elogio a de Oscar Arthur Guimarães.

20. A divisão das palavras no fim da linha deve ser feita por syllabas: *ins-pirou-se* e não *in-spirou-se*. Porque havemos de at-tender, neste caso, ao prefixo, quando não attendemos ao suf-fixo, achando-se ambos em igual-

dade de condições, tanto que tem o nome geral de affixos?

21. *Cataclismo*, é não *cataclisma*, que seria derivado da palavra grega correspondente a *clyster* (Raniz Galvão).

22. Muito bem traçado o trabalho de Rafael Grisi.

23. *Orfam de pac*, não temos palavra para exprimir essa idéa, sendo também preciso dizer *orfam de mãe*. — A palavra *cunhado* não tem igualmente precisão do sentido: João casou-se com a irmã de Manoel, aquelle é cunhado deste, e este é cunhado daquelle. Alguem já me consultou: rigorosamente falando, eu é que sou cunhado d'elle, ou é elle o meu cunhado?

24. Lendo o bom trabalho de José Raymundo Netto, quero indicar-lhe uma traducção interessante da "Imitação de Christo", feita por Ernesto Adolpho de Freitas, que ali empregou muitas construcções tiradas de obras classicas. Lembro-me de que achei lindissimo o cap. V do livro III da "Imitação", o qual tem por titulo "Do admirável effeito do divino amor".

25. Janela.

26. Personalizando, ridicularizando, satirizando. Ha os suffixos verbaes *ar* e *izar*: *evidenciar*, *bisar*, *solenizar*.

27. Pretensiosidade, não registrada por Figueiredo.

28. Condição.

29. A primeira consoante dos grupos consonantes, quando não pertencer á syllaba precedente, acompanhará a seguinte: *didactica*, *au-gmento*, *assi-gnanle*, *elipse*, *escul-plor*.

30. O hiato não deve ser separado na divisão das palavras no fim da linha: *meti-flua*, *cana-rio*, *pa-ra-ato*, *ca-poetra*.

31. *Ensolarado*, que Figueiredo não consigna. Elle dá *ensoladhet*.

rado, cheio de sol, banhado de sol, e dá também *ensolado*. O "Novo Dicc. Nacional" regista *ensolarado*.

32. "...que a não recomende e eleve, melhor evitar o *anão*."

33. Civilização.

34. *Surmenage* é termo francez. Figueiredo lembra os termos portuguezes equivalentes: o *sobernal* e a *esgastenia*. (Athenia, estafe, estafa).

35. Raniz Galvão apresenta, em vez de *Iliada*, a forma correcta, que é *Ilíade*.

36. As conjunções *mas* e *porém* são synonymas, com a differença de que a primeira é prepositiva, e a segunda, prepositiva ou pospositiva, podendo qualquer dellas iniciar o periodo. Uso graphar *porém*, para distinguir o do homographo *porém*, preferindo, do aquella forma á que dá Aulete, *porém*, visto que o acento agudo ali se acha para indicar a syllaba tónica. Note-se que *porém*, quando pospositiva, vem entre virgulas.

37. "...para quem a mãe é o melhor companheiro". Seria preferivel dizer *a melhor companheira*. Neste caso dá-se por vezes a preferencia da forma masculina como mais expressiva: "A persuasão e a fé são os soberanos deste mundo". Ruy Barbosa, "Cartas de Inglaterra", 231.

38. *Heróezinho*, o sufixo é *zinhão*, neste caso. Note-se *nuvenzinha*.

39. *Rodeiam*, e não *rodeam*.

40. Joaquim Nabuco assignala por esta forma as grandes impressões causadas pelos "Lusiadas".

o amor da patria;

os "Lusiadas" são o poema do mar;

a impressão de um Imperio que surge e a do poder do mar;

a do poder creador da imaginação; Renascença, sendo o unico poema que a reflecte e resume; a do encaminhamento da vida para os mais altos ideaes; a tragedia do genio perseguido, em acção.

41. O vivo entusiasmo de Emmanuel Brandão. Fontes, pela "Eneida", de Virgilio, me faz lembrar das *grandes eppéas*, que são as seguintes:

I. Mahabharata, de Vyasa, em sanscrito, a mais extensa, composta de 214.778 versos.

II. Ramayana, de Valmiki, em sanscrito.

III. Iliada, de Homero.

IV. Odyssea, de Homero.

V. Eneida, de Virgilio.

VI. Divina Comedia, do Dante.

VII. Os Lusíadas, de Camões.

VIII. Jerusalem Libertada, de Tasso.

IX. Orlando Furioso, de Ariosto.

X. O Paraíso Perdido, de Milton.

42. Existem, na literatura brasileira, quatro obras excellentes com titulos parecidos: "O Seria-meio", de José de Alencar; "Seria-tões", de Euclides da Cunha; "Pelo Serião", de Affonso Arinos; "Serião", de Coelho Neto.

Methodologia de Arithmetica

(AULAS DO PROF. DR. FDGA RD. RENAULT COELHO)

Summario

A multiplicação, considerada como addição de parcelas iguaes, idea do producto. Mostrar por meio de exemplos que a multiplicação e a divisão são operações inversas. Estudar parallelamente as duas operações, tratando-se de cada caso de multiplicação ao

lado do caso correspondente da divisão. Tratar do assumpto sob o ponto de vista do ensino primario.

Plano da lição

1o.) Evitar as definições e dar a noção do producto como resultado da addição de parcelas iguaes. Proceder inductivamente por meio de exemplos devidamente escolhidos e graduados. Não usar exemplos abstractos, não depois de estarem os alumnos preparados para comprehendel-os.

2o.) Encaminhar os trabalhos da aula de modo que cada *composição* por meio da addição de parcelas iguaes seja seguida da *decomposição* por meio de subtrações successivas.

3o.) Mostrar a necessidade de se formar o habito da multiplicação mental e rapida dos numeros que têm um só algarismo; indicar os meios applicaveis a esse trabalho e destinados a evitar as exaustivas repetições da taboada de multiplicar. Empregar para esse fim o material já usado no estudo da addição e tambem as *fitas* que os alumnos poderão usar como *jogo de arithmetica*.

4o.) Evitar todos os problemas que não se refiram a assumptos conhecidos das creanças. Será preferivel que todas as questões formuladas sejam tiradas da conversação com os alumnos. Exemplos: si os meninos desenharem tres quadros em cartoes, quantos *perceijos* serão necessarios para fixal-os na parede, com quatro *perceijos* cada um? Havendo 8 vidros em cada janella da sala de aula, quantos vidros ha em todas ellas?

Esses pequenos problemas, analogos a outros já resolvidos por meio da addição, serão facilmente tratados pela multiplicação e servirão para mostrar que o resultado da multiplicação e da especie do multiplicando.

5^o.) Não tratar da inversão da ordem dos factores sinão depois de um trabalho preliminar por meio de exercícios graduados que permitam às creanças descobrir o princípio mesmo antes de ser enunciado.

6^o.) Insistir sempre em fazer com que cada pequeno problema de multiplicação seja seguido da questão correspondente na divisão, de modo que todas as operações sejam verificadas por meio da operação inversa.

Summario

Multiplicação e divisão. Caso em que os dois factores têm um só algarismo cada um e caso correspondente na divisão. Especie do producto e especie do quociente; caso em que o quociente não é da especie do dividendo e caso em que é da mesma especie.

Multiplicando de 2 ou mais algarismos e multiplicador de um só; caso correspondente na divisão.

Plano da lição

Adquirido o habito de fazer mentalmente os productos de dois factores de um só algarismo, estarão os alumnos habilitados a fazer divisões dentro dos limites dos productos conhecidos, isto é, poderão dividir um numero por outro de um só algarismo quando o quociente também tenha um só. Deste modo, sem haver necessidade do preparo previo de uma *boa de divisão*, apparecerá a idea de divisão como operação inversa da multiplicação e com o simples recurso de pequenos problemas de *acomposição* que serão apresentados depois das *composições* feitas por meio da multiplicação.

Para esse fim poderão servir exemplos como os seguintes:

- Quantas partes ha em 4 pilhas de 6 pratos cada uma?
- Quantas pilhas de 6 pratos poderemos fazer com 24 pratos?

c) Dispendo-se 24 pratos em 6 pilhas iguaes, quantos pratos haverá em cada pilha?

Será de toda conveniencia recorrer a exemplos concretos ou pelo menos, ao desenho no quadro negro.

Os pequenos problemas (b) e (c) mostram claramente que, no primeiro, o quociente indicará quantas serão as pilhas de pratos; e, no segundo, mostrará que haverá 4 pratos em cada pilha.

A significação diversa dos dois resultados, apesar de ter havido em qualquer dos casos divisão de 24 por 6, mostra que a especie do quociente depende da natureza do problema formulado.

Qual dos dois casos (b) e (c) será mais facil para os alumnos das escolas primarias?

A noção geral de divisão (noção theorica que não está ao alcance das creanças) permitirá ao professor verificar que no exemplo (b) a operação é mentalmente mais facil do que no exemplo (c), uma vez que, no primeiro, é possível obter-se o resultado por meio de subtracções successivas, enquanto que, no segundo, é indispensavel proceder-se a principio por meio de tentativas.

Será portanto razoavel começar-se o ensino pelos problemas que se enquadrem no primeiro caso. Não obstante, convém que o assumpto seja discutido em aula pelos assistentes.

As representações graphicas concorrerão para tornar mais claros os dois casos:

(b) $1 \dots 1 \dots 1 \dots 1 \dots$

$12 \div 4$ (12 bolas divididas em grupos de 4).

(c) $1 \dots 1 \dots 1 \dots 1 \dots$

$12 \div 4$ (12 bolas divididas em 4 grupos iguaes).

A analyse dos dois casos não cabe evidentemente nos limites de um programma primario, mas é indispensavel aos que se destinam a profissão de professor;

Terminado o estudo desse primeiro caso da multiplicação e do caso que lhe corresponde na divisão, será possivel abordar-se o ensino do segundo caso, isto é, a multiplicação de um numero de dois ou mais algarismos por outro de um só e o caso correspondente na divisão.

Aos alumnos das escolas primarias o assumpto offerecerá algumas difficuldades que o professor cuidadoso será incumbido de aplainar.

Os exemplos, sempre concretos e motivados, deverão ser convenientemente graduados de modo que os alumnos não encontrem saltos; o professor nunca deverá perder de vista que os problemas só poderão preencher os fins a que se destinam si cada nova questão proporcionar às creanças oportunidade de vencer nova difficuldade.

Um primeiro exemplo (243 multiplicado por 2) não offerecerá a difficuldade das *reservas*.

Será conveniente fazer-se primeiramente a addição das parcelas iguaes e apresentar depois o *typo de calculo simplificado* (multiplicação). Segundo exemplo terá no producto mais um algarismo do numero no multiplicando (643 multiplicado por 3).

Tercero exemplo mostrará como se deverá proceder no caso de haver *reservas* de uma ordem para outra (328 multiplicado por 3).

Serão depois apresentados exemplos em que haja *reservas* nas diversas ordens de unidades (785 multiplicado por 7). Será necessario insistir sobre os casos em que appareçam zeros no multiplicando e no producto (407 multiplicado por 5; 517 multiplicado por 6).

Como encadeamento natural do raciocinio pôde-se passar do segundo caso da multiplicação ao caso correspondente na divisão.

Neste caso parecerá a primeira vista que se deverá seguir a mes-

ma ordem indicada para o estudo theorico, no entanto a experiencia demonstra que será preferivel começar-se pela divisão de um numero de dois ou mais algarismos por outro de um só. E esse o caso que offerece menos difficuldades às creanças. Será conveniente que se discuta em aula o assumpto.

Ainda aqui será a escala de graduação das difficuldades que, permittirá às creanças vencer todas ellas.

Ao professor compete, pois, organizar os seus exemplos e exercicios de tal modo que os alumnos não encontrem tropeços.

Poderão ser adoptados exemplos, como os seguintes:

a) 639 dividido por 3 (6, 3 e 9 são divisiveis por 3);

b) 856 dividido por 4 (haverá resto depois da primeira divisão parcial);

c) 876 dividido por 6 (haverá restos nas duas primeiras divisões parciais);

d) 8.340 dividido por 6 (o algarismo das unidades é zero (0) no dividendo e no quociente);

e) 4.225 dividido por 5 (4 é menor do que 5);

f) 3.460 dividido por 7 (haverá resto);

g) 3.645 dividido por 9 (o algarismo das dezenas do quociente será zero (0));

Depois de cada divisão effectuada será conveniente fazer-se a verificação por meio da operação inversa, menos com intuito de se *testar a prova* do que para fazer que os alumnos comprehendam a significação da operação.

O trabalho feito no estudo desse caso que os norte-americanos chamam *divisão curta* prepara os alumnos para a comprehensão do caso mais complexo a que geralmente chamam *divisão longa*.

Dia de leitura

Os "dias de leitura" realizaram-se normalmente, no segundo mez de funcionamento do curso, dirigindo os trabalhos o sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrução.

Depois de traduzir mais dois capitulos do livro de Angelo Patri, "Vers l'école de demain", o assistente tecnico Oscar Arthur Guimarães sobre elles teceu proveitosos commentarios.

Discutiram-se varios pontos interessantes, como o ensino intuitivo; o meio de se encaminhar uma aula; a preocupação livreca dos paes pobres; os quaes, quanto mais rudes tanto mais desejam ver as creanças estudando e não agindo, conforme recommenda a escola activa; como deve o director tratar as professoras e encaminhar-as na execução dos novos methodos; como se devem desprezar as formalidades inúteis, etc.

Em outro "dia de leitura", coube ao assistente Levindo Furquim Lambert traduzir e desenvolver commentarios em torno de dois novos capitulos da obra de Angelo Patri. Fel-o de maneira brilhante, pondo em relevo a fun-

ção da escola quanto ás actividades infantis e a influencia do factor rua na civilização.

A traducção e analyse desse livro foi continuada, em dia posterior, pelo assistente Abel Fagundes, cujos interessantes commentarios focalizaram diversos pontos de importancia, que os assistentes debateram com proveito.

Encerramento do curso

O encerramento do curso deu-se no dia 18 de agosto, com o comparecimento de representantes das altas auctoridades do Estado e do sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrução, que proferiu um improviso cheio de entusiasmo e de confiança na acção dos novos assistentes technicos.

Em nome destes, falaram, saudando o sr. dr. Francisco Campos, secretario do Interior, o sr. Levindo Furquim Lambert; saudando o director e professores do curso, o assistente Abel Fagundes, e fazendo uma synthese dos trabalhos, o sr. Oscar Arthur Guimarães. O côro de alumnas da Escola Normal executou diversos n.ºs de canto.